

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA AFRO-RELIGIOSA NOS MUSEUS COMO FORMA DE REPARAÇÃO HISTÓRICA

GABRIELA CAVALHEIRO RODRIGHIERO¹; JULIANA CAVALHEIRO RODRIGHIERO²

¹Universidade Federal de Pelotas– gabrielacavalheiro2009@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – juliana.rodrighiero@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O contexto das representações afro-brasileiras nos museus tem um direcionamento colonial onde o negro é quase sempre associado a escravidão, como um ser primitivo sem cultura. Nesta perspectiva, a presença da cultura afro-brasileira no Brasil é marcada por resistências e também por silenciamentos. Apesar da cultura afro ser um pilar formador da identidade nacional brasileira, por muito tempo essa cultura foi marginalizada, atribuída ao sofrimento e a baixa cultura. Para Mello (2013), a dissociação do negro à escravidão, bem como os abusos e malfeitos que ocorreram no passado, se faz necessária.

Como consequência, ao longo de décadas, as comunidades afro-brasileiras vêm buscando construir a sua identidade por meio do saber fazer ancestral, onde as comunidades e os representantes das religiões afro-brasileiras são o eixo central das manifestações. A valorização da cultura afro-brasileira nos museus não é apenas representatividade, mas um processo de reparação histórica que reconta a história a partir de novas perspectivas, vinculando-se diretamente à luta contra o preconceito e à afirmação da identidade afro-brasileira como parte da identidade nacional:

Nossa identidade é particularmente formada pelo reconhecimento ou por sua ausência, ou ainda pela má impressão que os outros têm de nós: uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou a sociedade que o englobam remetem-lhe uma imagem limitada, aviltante ou desprezível dele mesmo. O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado podem causar danos e constituir uma forma de opressão, que a alguns torna prisioneiros de uma maneira de ser falsa, deformada e reduzida (TAYLOR, 1992, pp. 41-42).

Neste sentido, este trabalho busca apresentar uma breve reflexão sobre o silenciamento da cultura afro-brasileira nos museus evidenciando a cultura afro-religiosa e suas potencialidades para a construção da identidade do patrimônio afro-brasileiro, elencando a importância da cultura afro-religiosa. Este resumo representa um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “A museologia social e a gestão compartilhada: A Cultura Afro-Religiosa nos Museus de Pelotas” que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

Ainda, a temática também está sendo desenvolvida no Projeto de pesquisa intitulado “Ciências Participativas aplicadas ao patrimônio cultural” na ação “Ciências Participativas aplicadas ao patrimônio etnográfico”. Neste projeto, se vislumbra pesquisar, identificar e analisar diferentes processos participativos aplicados a preservação do patrimônio cultural material e imaterial etnográfico em processos de gestão compartilhada, inventários participativos e restauração participativa, a fim de estabelecer diferentes parâmetros metodológicos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida apresenta uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e fundamentada em duas etapas principais. A primeira, pesquisa bibliográfica e documental, com base em autores da museologia social, patrimônio e cultura afro-brasileira, como CHAGAS (2021, 2023), CAPONE e MORAIS (2015), LODY (2005) e CUNHA (2017). Por fim, foi feito um estudo de caso, com visitas técnicas ao Museu da República (RJ) e ao Ilê Omulu Oxum, analisando a experiência da Campanha Liberte o Nosso Sagrado, referência nacional em gestão compartilhada de acervos afro-religiosos (ALVES, 2021).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As políticas de preservação, no âmbito da ativação patrimonial, revelam que os discursos memoriais em torno do patrimônio são construídos em situações concretas, a partir das relações estabelecidas entre diferentes atores sociais. Esses atores — muitas vezes com posições antagônicas e dissonantes — atribuem valores distintos ao patrimônio, configurando um processo essencialmente político (PRATS, 2005). O controle sobre as formas de narrar a história, portanto, torna-se um instrumento de poder, definido pelas articulações entre organizações governamentais e não governamentais. Nesse sentido, a patrimonialização pode se constituir como um mecanismo de dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados pelas políticas públicas, reconhecendo suas contribuições na formação sociocultural (CAPONE; MORAIS, 2020, p. 21).

A museologia social propõe uma nova perspectiva sobre a relação entre museus e sociedade, assumindo um caráter interdisciplinar que favorece a aproximação, o diálogo e o compartilhamento colaborativo com as comunidades etnoculturais em suas diversas pluralidades. Roberto da Matta, antropólogo, em seu texto já questionava “Você tem cultura?” (1981). O autor faz uma reflexão sobre o conceito das configurações culturais em suas expressões e potencialidades:

Porque embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas, são infinitas. Apresentada assim, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades. Elas não seriam dadas, de uma vez por todas, por meio de um meio geográfico ou de uma raça, como diziam os estudiosos do passado, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua história. Mas é importante acentuar que a base destas configurações, é sempre um repertório comum de potencialidades (MATTA, 1981, P.3)

Neste ponto de vista, é possível observar que as expressões culturais são infinitas e os museus se tornam ferramentas fundamentais para compreender, resgatar e reconstruir as memórias e identidades culturais que permanecem ou permaneciam esquecidos no passado. Santos (2022, p. 111) observa que muitas instituições que abordam a temática afro-brasileira ainda reproduzem características de tutela, reforçando a dicotomia entre museus “criados para os negros” e museus “criados pelos negros”:

Com o passar do tempo, as práticas religiosas e tudo o que fosse ligado aos negros (como artefatos e objetos religiosos) eram destruídos pelas autoridades ou escondidos pelos praticantes. Suas memórias, portanto,

eram vistas de forma negativa, manipuladas e demonizadas pela igreja e pela sociedade, resultando em forte repressão e perseguição. Nesse contexto, com relação aos objetos sagrados das religiões de matriz africana, podemos identificar que qualquer referência sobre a cultura afro-religiosa não tinha relevância, mas eram vistos como pejorativos. (RODRIGHIERO, RODRIGHIERO, RIBEIRO, 2023, P.16)

Nesse contexto, a participação das comunidades afro deve ser compreendida como um pilar essencial, garantindo que as narrativas sejam construídas e narradas pelos próprios negros, e não apenas dirigidas a eles. Historicamente, os negros, os povos originários e as comunidades populares tiveram pouca relevância nos museus oficiais, onde as memórias afro-brasileiras foram manipuladas, distorcidas e apenas minimamente preservadas, em função de um ideal de branqueamento nacional (CUNHA, 2017, p. 78). Entretanto, como destaca Lody (2005), a concepção do espaço museal vem se ampliando, favorecendo uma compreensão mais abrangente que possibilita o diálogo com diferentes sociedades, pautado pelo respeito à ética e à diversidade cultural, promovendo, assim, a construção do conhecimento.

Um exemplo disso, pode ser observado por meio da Campanha “Liberte o Nosso Sagrado” desenvolvida no Museu da República, no Rio de Janeiro. Esta campanha surgiu da necessidade de resgatar objetos sagrados da cultura afro-religiosa que haviam sido apreendidos e mantidos em poder do Estado. Conforme relata Chagas (2021, informação verbal), esses bens permaneceram por mais de um século sob custódia da Polícia Civil do Rio de Janeiro, totalizando 519 peças confiscadas desde a segunda metade do século XIX até o período republicano. De acordo com a equipe técnica do Museu da República e os representantes da cultura afro-religiosa do Rio de Janeiro que foram entrevistados, o diálogo, respeito e a disposição colaborativa do museu foi fundamental para desenvolver várias atividades, como: exposições, seminários, rodas de conversa e principalmente a preservação, identificação e manuseamento dos objetos sagrados.

Todas essas práticas foram e vêm sendo desenvolvidas a partir de uma gestão colaborativa e compartilhada com representantes das comunidades afro-religiosas. Conforme aponta Chagas (2021, 2023, informação verbal), tais objetos carregam uma potência imensurável para a promoção de pesquisas e de ações pedagógicas. A campanha, responsável por avanços significativos no reconhecimento e na difusão da cultura afro-religiosa, só se concretizou graças à cooperação entre os representantes religiosos e detentores de saberes-fazeres tradicionais e a equipe técnica do Museu da República.

A Campanha *Liberte o Nosso Sagrado*, realizada no Rio de Janeiro, evidenciou novas possibilidades de representação da cultura afro-brasileira nas instituições museológicas. Seus resultados, especialmente no campo da formulação de diretrizes voltadas à museologia social no Brasil, tornam-se uma referência fundamental e uma fonte de inspiração para esta pesquisa.

4. CONCLUSÕES

Este estudo busca refletir sobre a relevância do patrimônio afro-brasileiro, tomando a cultura afro-religiosa como eixo central das riquezas culturais que se manifestam no vestuário, na culinária, na dança, na música, na arte e nos objetos sagrados. O conceito de museologia social, já demonstrado em práticas como a Campanha *Liberte o Nosso Sagrado*, revela-se como um caminho capaz de potencializar não apenas a valorização do patrimônio afro-brasileiro, mas também

das comunidades e culturas historicamente marginalizadas. Por meio de metodologias museológicas específicas e de políticas públicas eficazes, que reconheçam e legitimem a importância desse patrimônio, torna-se possível promover uma reparação histórica construída a partir da voz, dos saberes e dos fazeres do próprio povo negro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, LUIZ GUSTAVO GUIMARÃES AGUIAR. *“Liberte Nosso Sagrado”: as disputas de uma reparação histórica*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2021.

CAPONE, Stefania; MORAIS, Mariana Ramos. AFRO-PATRIMÔNIO NO PLURAL: A MISTURA NO CANDOMBLÉ COMO VALOR EXCEPCIONAL. *Vivência – Revista de Antropologia*. Nº 55, 2020, p.18-35.

CHAGAS, Mário. Museólogo, Professor e Diretor do Museu da República. Entrevista concedida à Gabriela Cavalheiro Rodighiero [De forma virtual, pela Plataforma WebConf/UFPEL, dia 15 de julho de 2021].

CHAGAS, Mário. Museólogo, Professor e Diretor do Museu da República. Entrevista concedida à Gabriela CavLmalheiro Rodighiero [De forma presencial, dia 16 de maio de 2023].

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. *REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO*, nº5, p.78-88, 2017.

LODY, Raul. *O negro no museu brasileiro: construindo identidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MATTA, Roberto. *Você tem cultura?* Jornal da Embratel. 1981.

MELLO, Janaína Cardoso de. A representação social da escravidão nos museus brasileiros: interfaces entre a Museologia e a História. *Sankofa* (São Paulo), v 6, n10, p. 43-59, 2013.

PRATS, L. Concepto y gestión del patrimonio local. *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, n. 21, p. 17-35, 2005.

RODRIGHIERO, Gabriela Cavalheiro; RODRIGHIERO, Juliana Cavalheiro; RIBEIRO, Diego Lemos. A Museologia Social e a Gestão Compartilhada como mobilidade para o resgate cultural afroreligioso em instituições museológicas. *Museologia & Interdisciplinaridades*. v.2, n.24, 2023.

SANTOS, Deborah Silva. Apontamentos sobre narrativas nos Museus Afro-Brasileiros. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 11, nº 22, 2022, p.94-116.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalism and the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press, 1992.